

31 - CLÁUDIO MARTINS

CADEIRA Nº 31
PATRONO: FARIAS BRITO

CLÁUDIO MARTINS

CLÁUDIO MARTINS, filho de Antônio Martins de Jesus e de Antônia Leite Martins, nasceu em Barbalha, no dia 10 de maio de 1910. Fez os primeiros estudos em escolas particulares de sua terra natal. Humanidades no Ginásio do Crato e no Ginásio São João, de Fortaleza. Bacharelou-se pela Faculdade de Direito do Ceará em 1937 e obteve depois o grau de Doutor em Ciências Econômicas pela Faculdade de Ciências Econômicas do Ceará, da UFC. Docente-Livre de Política Financeira da Faculdade de Ciências Econômicas da UFC, onde também ministrou Direito Tributário, Finanças Públicas e Orçamento Por Programa. Professor de Direito Notarial do Curso de Direito da UFC. Foi Secretário de Estado dos Negócios do Governo e Administração no Governo Flávio Marcílio (1957), Secretário de Educação e Saúde no mesmo Governo, e Secretário da Fazenda no Governo Plácido Castelo. Membro, ex-Presidente e Vice-Presidente do Conselho de Educação do Estado do Ceará; Presidente da Câmara de Ensino Superior, ex-Presidente da Câmara de Legislação e Normas do mesmo Conselho; membro da Comissão de Desenvolvimento da Comunidade (Fortaleza). Foi Superintendente da Fundação Raul Barbosa. Foi Presidente da Academia Cearense de Letras. É membro do Instituto do Ceará, sendo ainda da Academia Cearense de Letras Jurídicas, da Associação Brasileira de Direito Financeiro, da International Fiscal Association, da Ordem dos Advogados do Brasil (Secção do Ceará), e sócio correspondente de várias entidades, como a Academia Sergipana de Letras, a Academia Paraense de Letras, Academia Sobralense de Estudos e Letras, etc. É sócio benemérito da Academia Cearense de Medicina e sócio honorário do Instituto de Ciências de São Paulo, bem como da Academia Cearense de Farmácia. Entre os inúmeros diplomas, títulos honoríficos e medalhas que possui, podemos destacar: Diploma de Amigo da Marinha; Diploma de Incentivador da Cultura

Nacional, outorgado pela Academia Antero de Quental (São Paulo); Medalha Clóvis Beviláqua, do Governo Federal; Medalha José de Alencar, do Governo do Estado do Ceará; Medalha Thomaz Pompeu, da Academia Cearense de Letras; Medalha de Amigo da Marinha; Medalha de Honra ao Mérito, do Liceu do Ceará; Medalha Justiniano de Serpa, do Governo do Estado do Ceará; Medalha Barão de Studart, do Instituto do Ceará; Título de Cidadão de Fortaleza, da Câmara Municipal de Fortaleza; Cidadão de Sobral; Cidadão do Crato; Medalha Paul Harris Fellow — The Rotary Foundation or Rotary International; Medalha do Mérito Notarial; Medalha do Mérito Notarial, do Conselho Federal; Medalha da Abolição, do Governo do Ceará. Faz parte da Comissão da Medalha da Abolição. Tem representado o Conselho de Educação do Ceará em encontros realizados em diversos Estados do Brasil. Visitou, como Conselheiro de Educação, cursos profissionalizantes e instituições assistenciais mantidas na Itália pelo Colégio Piamarta, sediado em Brescia. Obras publicadas: ***Poemas*** *(1962),* ***30 Poemas Para Ajudar*** *(1969), em colaboração com Antônio Girão Barroso e Otacílio Colares;* ***Viagem no Arco-Íris*** *(1974), em colaboração com Milton Dias;* ***Metamorfose*** *(1977),* ***Sonetos e Trovas*** *(1981),* ***Rimas Presas*** *(1986),* ***Rimas ao Acaso*** *(1988),* ***Vaivém*** *(1991),* ***Reincidência: de Baudelaire a Petrarca*** *(1991) poesia;* ***Riqueza Espiritual*** *(1993) e* ***Variações Literárias*** *(1993), ensaio. É vasta sua bibliografia no terreno das finanças e do Direito Tributário:* ***Elementos de Finanças e Legislação Fiscal*** *(1942), com segunda edição publicada no Rio de Janeiro;* ***Fazenda Nacional*** *(1942),* ***Normas Gerais de Direito Tributário*** *(1968), com segunda edição no Rio;* ***Introdução ao Estudo das Finanças Públicas*** *(1970),* ***O Contribuinte Substituto na Legislação Fiscal Brasileira*** *(1970),* ***Curso de Orçamento por Programa*** *(1972),* ***Direito Notarial*** *(1974),* ***Compêndio de Finanças Públicas*** *(1976), com três edições;* ***Função Pública e Fé Notarial*** *(1976),* ***Teoria e Prática dos Atos notariais*** *(1979), a que se deve acrescentar uma obra de outra natureza,* ***O Problema Educacional Brasileiro*** *(1973). O livro* ***Introdução ao Estudo das Finanças Públicas*** *conquistou o Prêmio Clóvis Beviláqua da UFC para melhor trabalho nas áreas de Economia e Sociologia. Falando de seu livro* ***Rimas Presas,*** *disse José Alcides Pinto: "Queiram ou não Cláudio Martins é poeta — dom que Deus lhe deu como o da vida — tão natural flui a poesia de seu pensamento, e derrama-se no*

mundo, entre homens e mulheres carentes de amor e afeto. O poeta, este, reparte-se, divide-se, doa-se. Suas alegrias e suas dores são as do mundo, do mundo em que vivemos e partilhamos os sofrimentos, com nossas angústias e nosso medo." E adiante observa o poeta; "Será a Musa, ao longo do tempo, a razão maior de sua existência."

POEMETO DA MALDADE DIVINA

É inegável
que Deus criou o mundo em seis dias.
E como lhe parecesse conveniente
ter alguém para apreciar-lhe a grande obra
tomou de um pouco de argila
e fez o homem
à sua imagem e semelhança.
É inegável também
que jamais esteve em suas altíssimas cogitações
criar um mundo feliz
onde pudessem reinar a paz e a tranqüilidade
pois que
oniscientemente
deu ao primeiro homem uma companheira...

Depois veio a bomba atômica.

POEMA DO DESENCANTO

Vejo dois enamorados
que se amam
de mãos dadas
falando a doce linguagem
de mãos que se apertam
ternas.
Tivesse o tempo parado
eternizando os momentos
em que também me apertavas
as mãos que eram só ternura
e eu não lamentaria
esses dois enamorados
que se iludem
de mãos dadas.
Oh! atos que embruteceram

nossas mãos que se estreitavam
oh! palavras impensadas
que em garras as transformaram
oh! gestos que lhes roubaram
aquela doce ternura
oh! dura realidade
que me faz tão desgraçado
vendo dois enamorados...

De *30 Poemas Para Ajudar* (1969).

ÚLTIMA VONTADE

Quando eu morrer
ninguém me dê santo
caixão não precisa
nem choro nem vela.
(Em santo não creio
o resto pra quê?)
Uma rede basta
em ombros cansados
de gente bem simples
sem ter que fingir
— Irmãos das almas!
— Irmãos das almas!
(Prece em voz alta é proibida
e também contrição
mas a pinga é necessária)
— Amigos pra quê?
— Pra que choro e vela?
só gente bem simples
sem ter que fingir.
Tesouros não tenho
não tenho virtudes
mas lego pecúnia
pra que me detestem.
Os vícios não lego

que os vícios são meus
só eles me restam...

Assim foi a vida
assim foi meu mundo
não levo saudade.

Uma rede basta
em ombros cansados.

ASPIRAÇÃO

Não chores o que parte
mas o que fica
partir é sempre uma solução
e nada é pior que uma perda irremediável.
Seja eu o primeiro a despedir-me
e minha vida terá sido um êxito.

De *Viagem no Arco-Íris* (1974).

EM BUSCA DA ALEGRIA

Este meu desconforto é tão daninho
que, mesmo tendo tudo, sou frustrado.
E se mudo de rumo, me avizinho
cada vez mais dum mundo inadequado.

Sei que assim procedendo sou levado
a viver sempre e sempre em descaminho,
E, à míngua de ternura, de carinho,
arrastarei meus dias torturado.

Mas que fazer se Deus me deu a sina
de ver em meu redor só pequenina

insensatez, toldando a benquerença?

E só por isso hei de seguir sofrido,
descrendo, duvidando, confundido,
sem nada que me baste ou me convença.

COMO O VELHO PALHAÇO...

Como o velho palhaço que sorria
quando no peito o coração sangrava,
disfarço o fel que minha vida trava
ao converter tristeza em alegria.

Se pudesse chorar eu choraria,
mas mesmo me ferindo em dura clava
tal um fantoche que a má sorte agrava,
finjo que sou feliz, finjo euforia.

Reino do desamor, mundo tremendo,
truanice infernal, fingir horrendo,
por tua causa eu faço o que não devo!

Em vez de revidar a ingratidão,
a quem me trai estendo minha mão,
pois dar a paga certa não me atrevo.

EM BUSCA DA ALEGRIA

Onde buscar um pouco de alegrla
para retemperar o pensamento?
Num dia assim, enfarruscado e lento,
o pensamento é bruma, é letargia.

Os sonhos bons, apenas fantasia,
somem tragados pelo desalento.

Lá fora, fustigante, geme o vento
multiplicando a minha nostalgia.

Tento pensar em ti, recurso vão!
cada vez mais esta desolação
parece não ter fim. Mas não desisto.

Bem ponderando, algo faz sentido:
tudo isso amanhã terá sumido
pois te sentindo ao lado sei que existo.

FIM DE SEMANA

Todo fim de semana é sempre triste
pois sempre detestei a solidão.
Leio, penso, disfarço e o tédio insiste,
não sei se com razão ou sem razão.

Quanto mais me envolve a multidão
de gente que não amo, mais persiste
essa tristeza imensa, que resiste
à sensatez na qual me empenho em vão.

Socorre-me, porém, a esperança
de alcançar um dia a grande graça
duma total e radical mudança.

Para acabar de vez essa agonia,
sabendo que na vida tudo passa,
bastava ter-te ao lado noite e dia.

CONCEITO DE FELICIDADE

Convém levar a vida alegremente,
evitando transtorno ou confusão,

vale bem mais um pouco de ilusão
que encarar agrura deprimente.

O que fere e maltrata realmente
não é acumular desilusão,
senão valorizá-la. Só então
o que sentimos soa diferente.

A amargura é sempre um desconforto
para quem busca, como rumo e porto,
a paz bendita da tranqüilidade.

Somar somente o que alegra a vida
reconforta, consola, dá guarida
ao que chamamos de felicidade.

QUIMERA

Ah, quem me dera ser o que não fui,
ou mesmo aquele que desejo ser!
Mas minha imagem nada tem a ver
com essa imagem que a vaidade intui.

Quando tento mudar o sonho rui
e, aturdido, paro, sem querer
receber mais do que me é dado ter...
E o sonho mudancista se dilui.

O que não fui, bem como o que serei
estão escritos, força alguma altera,
só me resta aceitar, pois isto é lei.

Mas nada custa um sonho alimentar,
a vida, na verdade, é só quimera
e sofre menos quem souber sonhar.

De *Reincidência* (1991).